

A filosofia natural de Thomas Hobbes: a composição das paixões humanas

The natural philosophy of Thomas Hobbes: the composition of the human passions

Luana Broni de Araújo
Universidade Federal do Pará (UFPA)
luanaujo@hotmail.com
<http://lattes.cnpq.br/0850448373893176>

Resumo

O presente artigo faz uma análise da filosofia mecanicista de Thomas Hobbes e estabelece um ponto de compreensão sobre sua filosofia natural pautada no estudo da física que investiga os corpos, analisando o movimento como a única causa universal de todas as coisas, tendo este a causa em si mesmo. O movimento aplicado aos corpos naturais é também aplicado ao homem que vive em constante movimento na busca pela satisfação dos seus desejos e paixões. Ao contemplar-se o estudo da tríade: geometria, movimento e física pode-se entender sua filosofia moral que consiste nos movimentos da mente com o surgimento e manutenção das paixões, as aversões e aproximações do homem a um determinado objeto. As paixões originam-se na imaginação e na sensação humana sendo assuntos da teoria física hobbesiana. A partir disto, pretende-se inicialmente reconhecer a teoria física de Thomas Hobbes para alcançarmos um entendimento acerca do surgimento das paixões humanas.

Palavras-chave

Corpo. Natural. Mecanicismo. Paixões. Hobbes.

Abstract

The present paper pretends to do an analysis of the mechanist philosophy of Thomas Hobbes and establish a comprehension about his natural philosophy, which is based upon the study of the physics that investigates the bodies analyzing the movement as the sole universal cause of everything, which has the cause in itself. The movement that is applied to the natural bodies is also applied to the man, who lives in constant movement in order to satisfy his desires and passions. It's just when we initiate the study of the triplet – geometry, movement and physic – that we can understand the hobbesian moral philosophy, which involves the movements of the mind, followed by the advent and keeping of the passions, the aversions and approaching of the man to a particular object. The passions come from the imagination and the human sensation and for this reason are subjects of the Hobbesian physical theory. Thereafter, we intend initially recognize the physical theory of Thomas Hobbes in order to achieve a deep understanding about the origin of the human passions.

Keywords

Body. Natural. Mechanicism. Passions. Hobbes.

1. Introdução

Thomas Hobbes é um defensor do contrato social que explicava o surgimento do Estado e da soberania, escreveu também sobre a dinâmica dos corpos naturais. O referido estudo é explorado em sua Filosofia Natural e é nesta parte de sua teoria que o filósofo explica a dinâmica dos corpos e o movimento destes, aproximando essa realidade natural da artificial.

Muito mais que um político, Hobbes era um físico-mecanicista-materialista. Com base em corpos em movimento edificou sua teoria política, alicerçada em sua Filosofia Natural exposta na sua obra *De Corpore* (1655), onde o autor descreve sua concepção física que é definida por ser um estudo dos corpos. Na primeira parte das suas obras *Elementos da Lei Natural* (1640) e *Leviatã* (1651) respectivamente intituladas: *A Natureza Humana*, *Do homem* o autor explora suas concepções de natureza humana.

O conceito de corpo e movimento é primordial para o entendimento de toda a sua construção teórica. Divergiu do filósofo René Descartes que formulou o dualismo ontológico “corpo x alma”, para Hobbes esse dualismo é inexistente. O que há no mundo e que o explica são os corpos em movimento. A ênfase nestes dois conceitos identifica o filósofo como um materialista mecanicista. Através dos corpos em movimento tudo pode ser explicado desde o surgimento das paixões até a construção artificial do Estado Civil.

O homem e todos os objetos presentes no mundo são passíveis de movimento, considerado como a causa primeira e última de todas as coisas. Portanto, ao indagar Hobbes: “- De onde surge o conhecimento?” sua resposta não poderia ser outra: “- De corpos em movimento.” Todos os conhecimentos adquiridos pelos indivíduos são resultados totalmente ou parcialmente da experiência, ou seja, da sua sensação. Sensação esta que permite a formação das moções voluntárias, comumente conhecidas como paixões que é objeto de estudo do presente trabalho.

2. Afinal o que é filosofia?

Antes de adentrarmos especificamente na concepção mecanicista do autor é necessário explanar sua filosofia natural – norteadada pelo conceito de corpo e movimento – portanto, em um primeiro momento o que ele entende por Filosofia? Na perspectiva do autor, a Filosofia é o conhecimento dos efeitos ou aparências que adquirimos através do processo de raciocínio elaborado de forma correta com relação a um conhecimento inicial de suas causas e gerações:

A FILOSOFIA é o conhecimento dos efeitos ou aparências, que adquirimos raciocinando corretamente a partir do conhecimento que temos inicialmente de suas causas ou geração; bem como [o conhecimento] de quais podem ser essas causas ou gerações, a partir do conhecimento de seus efeitos (HOBBS, 2005, p.8).

O raciocínio é pautado na correta correlação dos nomes e estão dispostos em um enunciado que pretende elucidar o conhecimento verdadeiro, em outras palavras, é o cálculo dos nomes, seja em um processo de soma (acréscimo de nomes) ou subtração (retirada de nomes).

Hobbes elabora um exemplo que nos permite compreender o acréscimo e a retirada de nomes através de um episódio no qual um homem está sozinho em uma rua durante a noite e avista um objeto a uma certa distância, tem-se a ideia de que aquele objeto possui um corpo, ao aproximar-se do objeto em questão, percebe que ele está gesticulando, em movimento, ou seja, é animado e ao aproximar-se ainda mais consegue perceber que ele está falando, e com isto, conclui-se que ele é racional. (HOBBS, 2005).

Corpo-animado-racional, em termo breve, homem. O contrário também é válido, ao nos afastarmos do objeto, retiramos características uma a uma. No decorrer deste episódio curto acrescentou-se e retirou-se nomes do objeto, isto se deu através do processo de percepção e computação também conhecido como raciocínio.

A filosofia sempre esteve presente em todos os homens desde o seu nascimento, portanto, somos capazes de raciocinar sobre determinada coisa ou objeto em certo grau, porém, quando exige-se uma sequência de raciocínios a maioria dos homens se perde em seus pensamentos e análises, isto ocorre por dois motivos: falta de método ou ausência de uma razão aperfeiçoada e pela ausência de crença na filosofia. Este último caso ocorre geralmente porque os homens se inclinam a aceitar a realidade sem questioná-la, sem interrogá-la ou simplesmente porque rejeitam a filosofia, rejeitam a sua própria razão. Para o filósofo:

A filosofia, filha do mundo e de vossa própria mente, está, portanto, dentro de vós mesmo; talvez não plenamente formada, mas como o seu pai, o mundo, como era em seus começos, ainda em estado de confusão (HOBBS, 2005, p.8).

Todo o conhecimento humano é oriundo totalmente ou parcialmente da experiência. O conhecimento é movimento, surge deste, mantém-se e finaliza-se neste. Os objetos exteriores ao se movimentarem, exercem pressão sob os órgãos dos sentidos, o homem recebe a informação destes movimentos por meio da sensação (olfato, paladar, audição, tato e visão). O movimento que interioriza e se perpetua pressiona os músculos e nervos até chegar ao cérebro e culminado no coração.

O pensamento é produto do corpo que recebe informações do exterior. Diferentemente de Descartes que defendia em sua teoria um dualismo – corpo x alma - que explicava a realidade, Hobbes critica tal dualismo. O filósofo inglês defende o corpo ou a matéria como princípio da

explicação da realidade humana e rejeita por completo o dualismo matéria-espírito defendendo uma realidade monista que está no âmago da Ciência Moderna. Segundo Bernardes (2002) “A concepção hobbesiana é tributária da teoria mecanicista e materialista, que defende a tese de que a realidade é constituída por matéria e movimento.” (p. 19).

Ao admitir a existência de apenas uma realidade formada por corpos em movimento e que o corpo é de fato a única coisa que existe, Hobbes compreende que o ato de pensar exige um pressuposto exterior de caráter material ou corporal. Nesta perspectiva os pensamentos só são possíveis por causa de uma antecedência material. O esquema abaixo elucida de forma melhor a concepção da construção de pensamento na teoria do autor:

Movimentos Externos > Movimentos Internos > Imaginação > Pensamento/Raciocínio.

3. Ciência e filosofia: uma aproximação conceitual

No livro *Leviatã*, cap. IX, o autor nos apresenta uma tábua/tabela de conhecimentos, onde há de forma elucidada com toda a clareza possível a seguinte proposição: “CIÊNCIA, isto é, o Conhecimento das causas e das consequências, que é também chamado de FILOSOFIA” (HOBBS, 1974 p.33). Ciência e Filosofia são conhecimentos de causas, efeitos e gerações. Portanto, durante este trabalho sempre que mencionarmos a ciência ou a filosofia, entende-se uma pela outra.

No *Elementos da Lei Natural e Política*, cap. VI o autor elucida: “Portanto, o conhecimento que chamamos de ciência, defino-o como a evidência da verdade, a partir de algum início ou princípio da sensação” (HOBBS, 2010, p.25) O que também se pode entender por: filosofia como evidência da verdade a partir de algum início ou princípio na sensação.

Há uma relação estreita entre verdade e evidência, a primeira enquanto correta disposição dos nomes e evidência enquanto concomitância de uma concepção com as palavras que um homem utiliza para significar suas concepções no raciocínio. Segundo Hobbes (2010) a verdade está para evidência assim como os homens estão para as suas paixões.

A Filosofia (ou Ciência) precisa de métodos para alcançar seus objetivos. Do conhecido para o desconhecido essa é a finalidade do uso dos métodos, neste caso, desvelar as causas através do conhecimento que se tem dos efeitos ou descobrir os efeitos através das causas já conhecidas. E há dois métodos que serão apresentados: o método resolutivo comumente conhecido como método analítico e o método compositivo conhecido como método sintético:

No estudo da filosofia, os homens buscam a ciência, seja de maneira pura e simples, seja indefinidamente; vale dizer, buscam conhecer tanto quanto podem sem que se proponham nenhuma

questão delimitada; ou investigam a causa de alguma aparência determinada, ou esforçam-se para encontrar a prova objetiva de alguma coisa em questão, como a causa da luz, do calor, da gravidade, de uma dada figura e que tais; ou o sujeito ao qual é inerente um dado acidente; ou o que pode melhor conduzir, a partir de muitos acidentes, à geração de um dado efeito; ou maneira pela qual as causas particulares devem ser compostas para a produção de determinado efeito. De acordo com essa variedade de coisas em questão, deve-se usar ora o método analítico ora o sintético (HOBBS, 2010, p.201).

Há duas formas de ciência elucidadas pelo filósofo: Díóti é a ciência das causas e Hóti é a ciência da percepção pela sensação, imaginação ou memória. A primeira é a ciência de como as coisas acontecem, relacionadas com a origem e a segunda é a ciência da observação, o que está acontecendo.

O homem por meio da sensação (Hóti) possui uma concepção do todo e não das partes que compõem o objeto. Em contraposição o conhecimento científico (Dióti) o homem possui mais conhecimento das causas das partes em relação ao todo, visto que, a causa do todo é formada pelas causas das partes. Quando se aborda a questão das partes de um determinado objeto não se deve entender como a parte do objeto em si – de forma concreta – mas como parte da natureza. Por exemplo, pelas partes do homem não se deve entender por seu braço, perna, cabeça, pé, mas sim, suas partes/qualidades naturais como: figura, quantidade, sensação, movimento, razão. E que tais atributos reunidos constituem a natureza do homem universal.

As causas das coisas universais estão submersas nas coisas singulares, deve-se certificar-se do conhecimento da primeira para em subsequência analisar a segunda. Logo, para descobrir as causas das coisas universais precisa-se de um método e este é o método analítico-resolutivo. Do singular ao universal - tendo em mente que coisas universais combinadas dão origem às coisas singulares - das causas para os efeitos. O método de obtenção das coisas universais é puramente analítico. Para tal ideia ficar mais clara, segue-se um exemplo fornecido pelo próprio Hobbes:

Se se propõe uma concepção ou uma ideia de alguma coisa singular, como um quadrado, esse quadrado deve ser resolvido em plano, delimitado por determinado número de linhas iguais e retas e ângulos retos. Por meio dessa resolução obtemos as coisas universais que convêm a toda matéria, a saber, linha, plano (no qual está contida a superfície) delimitado, ângulo, ortogonalidade, retitude e igualdade. Ademais, se podemos encontrar essas causas, podemos conjuntamente compô-las na causa de um quadrado (HOBBS, 2010, p. 201).

Ao analisarmos o efeito produzido por um determinado objeto, por exemplo: a linha é formada pelo movimento de um ponto, precisamos investigar quais movimentos produzem tais e tais efeitos, qual movimento produz uma linha reta, qual movimento produz um ponto, qual o movimento necessário que precisa atuar no corpo humano e lhe imputar movimento, entre outros

questionamentos, o método sintético-compositivo é responsável por estas indagações, partindo das causas para os efeitos.

O homem deve ter em mente que nunca conhecerá um objeto de fato, na sua essência, o que é capaz de conhecer é sua aparência, a forma como ele se manifesta no campo da experiência. Isto fica claro no capítulo I, do livro *Elementos da Lei Natural e Política*, quando Hobbes admite:

1- Que o sujeito ao qual cor e imagem são inerentes não é o objeto ou a coisa vista. 2- Que não há realmente nada fora de nós que possamos chamar de imagem ou cor. 3- Que a dita imagem ou cor é apenas uma aparição em nós daquele movimento, agitação ou alteração que o objeto provoca no cérebro ou nos espíritos, ou em alguma coisa substância interna na cabeça. 4- Que, tal como se dá na concepção pela visão, também nas concepções que surgem a partir de outras sensações, é o senciante, e não o objeto, o sujeito de sua inerência (HOBBS, 2010, p. 6).

Com isso, pode se concluir que o mundo que enxergamos é apenas uma representação da movimentação interna do nosso corpo, a forma como reagimos aos movimentos exteriores. A concepção que se tem de cor ou forma, som ou ruído, amargo ou doce, áspero ou macio, aroma ou odor. Todas essas qualidades sensíveis não estão inclusas no objeto e sim no homem, produto da reação frente à ação dos corpos externos a nós. O que há nos objetos de fato não é passível de ser conhecido pelo homem. Segundo Kaysar (2006) “para Hobbes o pensamento é a representação da sensação e jamais captação de essências inerentes ao objeto.” (p. 17).

Para compreender que o homem não é capaz de conhecer a realidade dos objetos, mas suas aparências, Hobbes fornece a hipótese que o mundo foi destruído, aniquilado. Sobrou apenas um indivíduo na terra e sua representação de mundo permaneceu apesar da destruição. Ele consegue conceber em sua mente o mundo onde viveu. Pode-se concluir que por mais que o mundo tenha mudado, tenha padecido, a representação que o homem tem do mundo anterior ainda persiste.

O mundo que se vê, que se analisa, que se percebe, que se vive nada é mais do que uma representação do homem. A essência das coisas, dos objetos não é conhecida. Para Hobbes, há uma grandiosa diferença entre o mundo e o conhecimento que se tem de mundo.

O mundo é rodeado de corpos em movimento, o conhecimento de mundo é preenchido por corpos em movimento que afetam os órgãos dos sentidos, por meio da sensação e produzem representações através do aspecto cognitivo de cada homem. É neste momento que o olhar dos indivíduos sobre um determinado objeto diferencia-se.

A forma como são afetados pelos objetos exteriores é diferente entre os homens, isso pode ser claramente explicado pelo fato dos indivíduos não se apaixonarem e temerem as mesmas coisas, pela divergência de opiniões e pensamentos. Porque cada ser enxerga o mundo de acordo com as suas peculiaridades internas, de acordo com os seus movimentos internos.

Hobbes concebe uma separação entre o real e o imaginado. Há todo momento estamos sendo afetados por objetos exteriores a nós e respondemos a estas pressões de forma imediata e natural - toda ação requer uma reação - produzindo nossas representações. Por mais que nós concebamos um mundo em nossa mente como real – mesmo que realmente ele seja da forma como concebemos – ele não é exterior a nós, e sim interior. Ele é nossa representação. Essas representações de mundo, de objetos são dependentes de nós e estão totalmente ligadas à nossa imaginação.

Existe uma realidade fora de nós. Os indivíduos recebem informações desses corpos por meio da sensibilidade e constroem suas representações de mundo e de vida através da imaginação. Ora, mas se o mundo é uma representação nossa, então quem me garante que as imagens que tenho são referências de objetos reais? Tudo que o homem conhece é resultado de um campo experiencial, uma vez que o movimento gera movimento e que a única causa do movimento é ele mesmo, nós não podemos ser causadores de nossas próprias percepções, já que isto exige um pressuposto exterior a nós. Tal causa não é senão o movimento dos objetos exteriores a nós. Portanto, existe uma realidade exterior as nossas concepções e percepções sensíveis e tal realidade é composta por corpos em movimento que é a causa primeira de ideias e concepções. (HOBBS, 2005).

Ainda na perspectiva de que a realidade está fora de nós, no livro *De Corpore*, na parte destinada às proposições há a exposição de que a verdade ou a falsidade não possuem relação com as coisas em si e são atributos criados pelo homem e possuem relação com os nomes destinados às coisas.

O nome é uma representação que se destina a um determinado objeto de nossa experiência sensível, obtendo a funcionalidade de uma marca ou um signo. A primeira quando é destinada ao próprio homem como forma de retomar um pensamento ou continuá-lo, consiste em coisas sensíveis, escolhidas de forma arbitrária, cuja percepção permite trazer-nos à mente pensamentos que já tivemos. O signo é uma concepção da mente que passa a ser expressa verbalmente, trazendo oportunidades de comunicar a outros seus conhecimentos e descobertas.

O nome – utilizado isoladamente - serve ao homem para lembrar-lhes internamente sobre um pensamento anterior (tendo a funcionalidade, portanto, da marca), e é utilizado como signo na medida em que há comunicação verbal com outros homens. O nome funciona como signo na medida em que tenho um encadeamento de palavras, formando frases e construindo um discurso pautado e organizado na forma de conhecimento.

Os nomes não são dados apenas para coisas reais, damos o nome de “homem”, “pedra”, “árvore”, “papel” não apenas para a coisa, mas também para a imagem da coisa, os fantasmas de nossa mente produzidos pela sensação e imaginação. Assim como a palavra: “passado” ou “futuro”, a primeira destina-se a algo que já ocorreu e não pertence mais a realidade, enquanto, o futuro ainda não chegou, mas ainda assim, destina-se palavras para significá-los. O nada é simplesmente nada, 2-2 é 0, e 0 é nada. O nada é passível de funcionalidade. Todas as palavras o são. No livro *Leviatã*, o autor elucida de forma clara e objetiva o papel da linguagem, quando diz:

Mas a mais nobre e útil de todas as invenções foi a da linguagem, que consiste em nomes ou apelações e em suas conexões, pelas quais os homens registram seus pensamentos, os recordam depois de passarem, e também os usam entre si para a utilidade e conversas recíprocas, sem o que não haveria entre os homens nem Estado, nem sociedade, nem contrato, nem paz, tal como não existem entre os leões, os ursos e os lobos (HOBBS, 1974, p.16).

Os usos da linguagem são: registrar aquilo que se encontra na mente humana como sendo a causa de todas as coisas, transmitir aos demais homens os conhecimentos adquiridos, dar conhecimento de nossas vontades aos outros homens, agradar e deleitar os outros e a nós mesmos com nossos jogos de palavras. “A linguagem é a representação dos desejos do homem, ou seja, a representação de suas paixões.” (MATOS, 2007. p. 62).

A linguagem é fundamental na construção da ciência e da filosofia, sendo a base do correto raciocínio que como já foi explanado. É pautado na correta disposição e correlação dos nomes em uma frase, fornecendo um conhecimento correto e verdadeiro. O uso correto dos nomes e sua correlação é a forma que a linguagem encontrou para recordar as causas, efeitos e consequências.

Um homem sábio é um homem que consegue fazer um ótimo uso da linguagem, acoplando de forma satisfatória o sujeito e o predicado de modo que eles não sejam excludentes e contraditórios, mas complementares. O sujeito pertence ao predicado e o predicado acopla o sujeito. A linguagem é o ponto onde o conhecimento será elucidado e verbalizado, de forma que os nomes estejam dispostos em uma proposição de maneira correta, onde sujeito e predicado se complementam e formem o silogismo que proporcionará o conhecimento verdadeiro.

4. Corpos em movimento

Na tábua/tabela de conhecimentos do cap. IX do *Leviatã*, analisando-a é perceptível a repetição de dois nomes: corpos e movimento. A repetição é necessária para elucidar e compreender a importância que esses dois conceitos possuem para construção da filosofia natural hobbesiana.

Existe uma única realidade admitida pelo filósofo inglês, uma única certeza que os homens possuem é a que o mundo é repleto e composto por corpos. Mas, afinal, o que é um corpo? É aquilo que existe independentemente da nossa imaginação, da nossa vontade, é um existir em si mesmo sem dependência externa, coexistindo em algum ponto do espaço. (HOBBS, 1974). Não se conhece o corpo enquanto essência, apenas se sabe da sua existência.

O que o homem conhece - por meio da percepção - são os acidentes que estão contidos nos corpos, que o caracterizam, o diferenciam dos demais. É uma espécie de identidade que nos permite diferenciar e nomear os objetos que estão postos na nossa realidade.

Quando o acidente é removido de um corpo tem-se a ideia de que o próprio corpo foi removido quando tal resolução é errônea, o que na verdade mudou foram os acidentes dos corpos por meio do movimento. Logo, é necessário fazer uma breve distinção entre corpos e acidentes, o primeiro não pode ser gerado nem destruído, enquanto o segundo sim. Os acidentes dependem dos corpos, mas estes não dependem dos acidentes para existirem. Hobbes, elucida:

Mas os efeitos e as aparências das coisas sensíveis são as faculdades ou poderes dos corpos, os quais nos permite distingui-los uns dos outros, isto é, formar a concepção de que um corpo é igual ou diferente, semelhante ou dessemelhante a outro corpo (HOBBS, 2010, p. 192-193).

Os acidentes dos corpos são sua identidade, a forma como os concebemos e suas especificidades, podendo distingui-los de outros corpos e atribuir-lhes nomes com base nas suas particularidades (SILVA, 2009). Ressaltando que a nomeação é dada não para os corpos, mas sim, para os acidentes que estão sendo observados e concebidos pelo homem.

Pensar a identificação de um corpo é o mesmo que pensar em sua forma, ou seja, a identidade de um corpo qualquer deve ser compreendida por meio de suas qualidades formais. Por exemplo: um lápis só pode ser considerado lápis pela observância de suas qualidades formais - como a ponta cinza do grafite e um corpo próprio para a escrita. O homem é identificado pela sua racionalidade, logo, esta é a sua essência, é o que o difere dos demais corpos.

A identidade de um corpo qualquer é o que Hobbes denomina de essência. Por exemplo: a identidade do homem é a racionalidade. De todos os acidentes a forma é aquele que permite pensar a identificação de um corpo, ou seja, sua essência. Ao visualizar o sol, o homem tem em mente de acordo com aquilo que ele vê (percepção) que o sol é redondo, que se move, que se nasce e se põe. Porém, o homem sabe que o sol é muito maior do que aquilo que pode perceber, que sua magnitude é superior. Isso é explicado pelo fato de que não conhecemos o corpo em si, mas os seus acidentes

que são produzidos e provocados por movimentos. Logo, os acidentes não existem em si mesmo como o corpo, mas, são resultados de movimentos.

E o que seria o movimento? “É a privação de um lugar e aquisição de outro” (HOBBS, 2010, p. 203). É aquilo que se mostra aos nossos sentidos como aparência de movimento - levando-se em consideração que nenhuma concepção é criada no espírito do homem que não tenha surgido em primeira instância nos órgãos dos sentidos - o homem não conhece o movimento em si, mas sua aparência, e por detrás da aparência de movimento, há o movimento.

O movimento é a causa universal de todas as coisas. É o princípio de tudo. É a qualidade real que o corpo possui. As sensações humanas só são concretizadas pelo movimento. A construção do pensamento humano é resultado dos corpos exteriores em movimento e pela movimentação das partes interiores do homem. As paixões humanas são resultados de movimentos externos e internos. As ações também são resultados do cálculo e ponderações das paixões humanas.

O movimento provoca efeitos sobre as partes de um corpo, modificando-o. E a percepção acerca do movimento está estritamente relacionado com a mudança, com os efeitos que este corpo irá sofrer. Toda a mudança promovida em um corpo é resultado do movimento que atuou sobre este. O movimento só é percebido pelo homem através dos acidentes dos corpos.

A percepção faz parte deste processo, visto que, um movimento só será percebido quando os acidentes do corpo observado se apresentarem de forma diferente aos sentidos daquele indivíduo que o observa. Toda essa variedade de figuras, cor, som, sabor surge da variedade de movimentos, este sendo a causa de si mesmo e que se encontra em parte no objeto e em parte em nós mesmos.

Os acidentes dos corpos como resultados dos movimentos obedecem a duas regras básicas da física hobbesiana, segundo Bernardes (2002):

Considerando o movimento e o repouso como estados absolutamente opostos, para que um ser passe de um a outro estado é necessário, portanto, que nele se aplique uma força que opere essa passagem; caso contrário, permanecerá indefinidamente no mesmo estado em que se encontra. (p. 15).

Sobre a geração da luz, o filósofo elucida que há várias causas reunidas em forma de acidentes que produzem tal efeito e que elas são necessárias, de modo que a ausência de uma delas faria com que a luz não fosse produzida. Ele enumera-as em: um objeto principal, o ambiente, o senciente. Mas que esses três reunidos não podem gerar luz sem a presença do ator principal que é o movimento. Este é responsável pela produção da luz em parte no objeto, parte em nós.

Esse movimento exterior é completado pelo movimento interno no homem que compactua e concorda (ou não) com o movimento vital. “Não sendo a luz nada mais do que a alteração do movimento vital, feita pela impressão sobre este último exercida pelo movimento que se propaga a partir do objeto” (HOBBS, 2010, p.209)

A importância do movimento é tamanha na filosofia hobbesiana que o filósofo inglês na sua obra *De Corpore* dividiu sua filosofia natural em três partes: geometria, movimento, física – está ramificada em duas: sensibilidade, qualidade sensível. A Geometria se “limitará” a investigar o que os movimentos podem gerar, quais movimentos produzem/geram determinados efeitos.

O movimento investiga o efeito que um corpo em movimento tem sobre outro corpo que está em repouso ou em movimento no sentido contrário ao outro corpo, qual movimento causa tal e tal efeito em um corpo, seja em suas partes externas, seja em suas partes internas – paixões. E por último, não menos importante, a física que se ramifica entre os órgãos dos sentidos humanos que sofrem ações externas e são responsáveis por enviar mensagens para o cérebro e reconhecer suas qualidades sensíveis – luz, calor, opacidade, odor - que são efeitos dos movimentos de suas partes

Seja em qualquer uma das partes, o movimento faz-se presente. De geometria à física, não detendo-se somente por aqui, mas estendendo-se para a filosofia moral que estuda e aborda os movimentos internos comumente conhecidos como paixões que possuem suas causas na sensação e na imaginação, aspectos pertencentes ao estudo da física.

O mundo é um eterno mover-se, aplicação esta que se estende a todos os corpos. Não se resumindo aos corpos exteriores, mas movimento está sumamente dentro de nós, por mais imperceptível que seja, a atuação dele é incessante.

5. Sensação e imaginação: surgimento das paixões

Abordar as moções voluntárias comumente chamadas de paixões significa explorar alguns conceitos como sensação e imaginação – veremos adiante ainda neste tópico que ambas fazem parte de um mesmo movimento – que serão responsáveis pelo surgimento e fundamento das paixões que são movimentos da mente humana que culminam em uma aproximação ou afastamento de algum objeto. Ambos conceitos são de suma importância para o filósofo, tornando-se perceptível quando nos deparamos com a bibliografia do autor. Nos três livros - *De Corpore*, *Elementos da Lei*, *Leviatã* – o tema do presente tópico é abordado e em todos haverá menção às paixões como resultados dos movimentos externos e internos ao senciente.

De acordo com o filósofo inglês o conhecimento é adquirido por meio da experiência, ou seja, conhecemos os objetos e concebemos estes em nossa mente por meio da percepção que se deu em algum momento de nossas vidas – como já vimos -. Conhecer, reconhecer, recordar um objeto é o mesmo que dizer que ele passou por nós, e afetou-nos, logo, conclui-se que a sensação é responsável pelo conhecimento humano.

A sensação pertence ao ser vivo – chamado de senciente – e é um movimento que ocorre em suas partes internas que são correspondentes aos órgãos da sensação. A sensação é um movimento interno resultado de um movimento externo a nós que ocorre nos objetos ao movimentarem suas partes internas. Esse movimento se propaga e afeta os nossos órgãos dos sentidos, de modo que, tal pressão se perpetua do órgão afetado aos órgãos mais próximos, como uma corrente de movimento que se espalha pelo corpo e chega ao cérebro e ao coração. “Portanto, a sensação é um movimento interno no senciente, gerado por um movimento interno nas partes do objeto, que se propaga por todo o meio até a parte mais interna do órgão” (HOBBS, 2010, p. 221).

A causa imediata da sensação é condicionada a partir do momento em que a extremidade de um órgão é pressionada e o movimento dessa extremidade se manifesta no interior do órgão se propagando ao mais próximo até o momento que atinge o último órgão: o coração. Mais uma vez a ideia de movimento faz-se presente na estrutura teórica de Hobbes. O movimento exterior é primordial para o surgimento e manutenção das paixões humanas.

Para Strauss (2016) o homem é um animal como todos os outros e estão expostos a impressões que lhes são externas que produzem uma variedade de desejos a aversões, transformando a sua vida em um movimento constante. Em uma perspectiva semelhante Frateschi (2005) compreende que a teoria do movimento adotada por Hobbes se estende não apenas para os corpos em geral, mas para os homens que se movem inercialmente, de modo que não apenas os seus movimentos físicos, mas também suas emoções se movem sem fim ou repouso.

O movimento que se propaga no interior do indivíduo atinge um órgão em especial: o coração. O referido órgão já possui o seu movimento natural de funcionamento, conhecido como movimento vital que ao se deparar com um movimento exterior e estranho, reage, pois todo o corpo que se movimenta ao encontrar um outro corpo com movimento contrário ao seu tende a reagir.

Para Frateschi (2008):

A teoria da sensação é estabelecida mediante a utilização do paradigma mecanicista – segundo o qual toda mudança se reduz finalmente a movimentos locais e nada pode mover-se senão pela ação

mecânica de outra coisa – para explicar a origem das imagens sensíveis da mente humana (p. 65-66).

E nessa reação produz-se o que nós chamamos de fantasmas que nada mais é do que a forma como concebemos o objeto exterior a nós. Então, a concepção que temos de algo não é do objeto, da essência da coisa em si, mas é nossa, um produto da reação a uma ação externa. Nas palavras do filósofo: “A sensação é um fantasma produzido pela reação e pelo esforço para fora do órgão da sensação, causados por um esforço para dentro a partir do objeto, fantasma esse que perdura por certo tempo.” (HOBBS, 2010, p.222).

Luz, som, salgado, doce, macio, duro, odor não são qualidades sensíveis dos objetos, mas fantasmas, percepções do homem. Reação a uma ação externa. A sensação nos permite emitir juízos dos objetos por meio dos fantasmas produzidos, de comparar os fantasmas e apontar as suas semelhanças e diferenças. Somos capazes de reter esses fantasmas e recordá-los por meio de nossa memória.

Quando o homem recebe a ação de um objeto externo em movimento, torna-se menos propenso a receber ação de outros objetos que estejam naquele espaço e em movimento, é como se o indivíduo estivesse ocupado demais com o movimento que lhe afetou primeiro. É o que ocorre quando desprezamos um determinado objeto. O desprezo não consiste no amor nem no ódio pelo objeto e ocorre quando o coração já está ocupado com algum outro objeto ou na falta de experiências daquelas coisas.

Sensação e imaginação são praticamente a mesma coisa, a diferença entre ambas está na presença ou ausência do objeto. Quanto ao primeiro caso chama-se sensação, quanto ao segundo, imaginação. Costuma-se definir esta como uma sensação debilitada, diminuída. “A imaginação nada mais é do que a sensação diminuída ou enfraquecida em função da ausência do objeto.” (HOBBS, 2010, p. 226) Essa diminuição é explicada pelo fato de que outros objetos que virão a afetar os nossos órgãos do sentido, produzindo os fantasmas. De modo que, o fantasma que se tem agora em uma mente será “colocado de lado” assim que um novo fantasma for produzido. Quanto maior o tempo transcorrido, mais enfraquecida é a imaginação.

Os sonhos são a imaginação daqueles que dormem e há questionamentos que giram em torno dele. Parecendo ser bem real e claro, o sonho embora não possua uma ordem lógica, tanto que por muitas vezes ao acordarmos ficamos com aquela dúvida “será que isso realmente aconteceu?” pela extrema nitidez que o sonho nos proporciona.

Mas antes de mais nada como o sonho é produzido? Qual sua causa? Através dos movimentos nas partes internas do homem sobre o seu cérebro. Quando o homem dorme é como se os seus órgãos sensitivos fossem desligados. Eles atuam durante o dia todo recebendo ações externas, reagindo, então, eles “cansam” e são interrompidos, logo, o homem não recebe ação dos objetos externos. E por isso seus fantasmas parecem tão reais e verdadeiros, porque eles estão completamente livres para atuar nos homens. Ao adormecer as passagens dos órgãos dos sentidos estão fechadas e a ação externa não é executada e o movimento interno se propaga sem empecilhos.

Aquilo que o homem sonha nada mais é do que um produto da sensação e da imaginação, por mais que o indivíduo sonhe com algo bizarro, por exemplo: com um cavalo rosa, ele acopla suas concepções e forma a uma só coisa. Tudo o que é produzido na mente humana é resultado de suas vivências exteriores. Todo o conhecimento é oriundo da experiência. Para Hirata (2012):

Como o conhecido para nós são os fantasmas do sentido e da imaginação, eles são os primeiros princípios da ciência a partir dos quais o conhecimento propriamente racional – que, como já se disse, consiste no conhecimento causal das coisas – é alcançado. (p. 29-30).

O conhecimento que se tem dos objetos, suas qualidades sensíveis não estão no objeto, mas em nós – como já vimos -. E o movimento faz-se presente nesta construção de conhecimento e pensamento:

Nada pode produzir qualquer coisa em si mesmo: o badalo não tem som nele, mas apenas movimento, e produz movimento nas partes internas do sino; de modo que o sino tem movimento, e não som. O sino comunica movimento ao ar, e o ar tem movimento, mas não som. Pelo ouvido e pelos nervos o ar comunica movimento ao cérebro; e o cérebro tem movimento, não som. Do cérebro o movimento repercute de volta aos nervos que estão voltados para fora, e aí ele se torna uma aparição exterior, que chamamos de som (HOBBS, 2010, p. 9 – grifo nosso).

Se a todo o momento estamos sendo pressionados por movimentos de objetos externos e não há como escapar dessa realidade e se o conhecimento é resultado desses movimentos, as paixões também apresentarão o seu surgimento destes movimentos. A imaginação é para Hobbes a grande responsável pelo surgimento das paixões humanas. As moções voluntárias dependem sempre de algo que é exterior, de um objeto externo e a imaginação é a responsável pela imagem do que vivemos. “É evidente que a imaginação é o princípio interno de todas as moções voluntárias” (HOBBS, 1974, p. 48) É a origem interna dos movimentos voluntários no homem. A imaginação é produto, efeito de uma sensação, e ao mesmo tempo é a causa das paixões humanas, o seu princípio norteador.

Faz-se necessário que a sensação recebida pelo objeto externo, passe pela imaginação e só assim se pode fazer os cálculos e as ponderações necessárias que irão decidir se uma ação deve ser realizada ou não - consideração essa posterior ao surgimento da paixão -. Embora as paixões sejam as mesmas em todos os homens, os objetos que provocam-nas diferem-se. Não se pode obter paixão sem ter o princípio de um movimento externo a nós e é nesse sentido que se torna clara a definição de que as paixões são reações indiretas.

Assim como a imaginação, o conatus (ou esforço) possui um papel decisivo na construção e formação das paixões. O conatus é o início do movimento voluntário, é como um receptor, um mediador dos movimentos externos sob o corpo e a ação. Hobbes, no *Leviatã*, elucida: “Esses tênues começos da moção, dentro do corpo humano, antes que surjam a marcha, a fala, a luta ou outras ações visíveis são chamados de esforços.” (HOBBS, 1974, p.48 – grifo nosso) Já no *Elementos da Lei* há a seguinte definição:

Esse movimento, que consiste no prazer ou na dor, é também uma solicitação ou provocação, seja para aproximar da coisa que agrada, seja para afastar da coisa que desagradar. E essa solicitação é o esforço ou começo interno do movimento animal (HOBBS, 2010, p. 28 – grifo nosso).

Em ambas as obras, o esforço é definido como o início interno das paixões. Tal esforço é um movimento presente dentro de nós que é acionado e posto em ação sempre que um movimento exterior a nós afeta os nossos órgãos dos sentidos. Então, o conatus ganha contornos e funcionalidade na medida em que recebe os movimentos externos. “O que dá efetividade e sentido ao conatus de um corpo é um conatus oposto ou contrário a ele e que o coloca em movimento” (CRUZ, M.S, 2013, p.70) O conatus de um corpo é resistência ao conatus de outro corpo que lhe seja oposto. Nota-se, portanto, a relação de necessidade e dependência que há entre os corpos e seus movimentos.

O início dos movimentos no corpo humano é resultado da incidência de movimentos externos de outros corpos, impulsiona e fornece movimento ao corpo humano e é o que nos leva a ação. “É um mecanismo de dupla função, de um lado ele recebe (padece) o movimento externo; de outro, ele, como um princípio interno do movimento, esforça-se por imprimir movimento ao corpo humano.” (SILVA, 2009, p. 86).

Há dois tipos de movimento que se manifestam no corpo humano: o movimento vital e o animal. O primeiro são aqueles movimentos que nascem e morrem com o indivíduo, como a: respiração, digestão, pulsação, nutrição, excreção. São movimentos que independem da imaginação e fazem parte da formação biológica do homem, enquanto o movimento vital é aquele

que tem origem na imaginação e o conatus como início deste movimento. “O movimento vital, como o próprio nome já indica, é responsável pela existência e continuidade da vida.” (GANCHO, 2005, p. 56). Como vimos todo o movimento externo ao se propagar no corpo humano chegará ao coração considerado como o órgão mais interno. Esse movimento externo ao atuar sobre ele poderá ser favorável ou não ao seu movimento vital.

Há uma relação de concordância entre esses movimentos, o movimento animal está a serviço do movimento vital. O seu desenvolvimento percorre em duas direções: desejo e aversão. O conatus de desejo sobre a aparência de deleite é uma confirmação ao movimento vital, o conatus de aversão sobre a aparência de dor, molesta é quando há perturbação ao movimento vital.

Entende-se o papel fundamental do conatus na filosofia hobbesiana na medida em que ele fornece os pressupostos essenciais para a fundamentação e construção do aparato passional. É o que direciona as ações do homem e os conduz ao processo de autopreservação. “O conceito de conatus servirá a Hobbes como instrumento para pensar toda determinação ao movimento como a determinação de um movimento atual.” (LIMONGI, 2000, p. 419).

Se o movimento externo for favorável ao movimento vital o primeiro esforço do indivíduo tende à aproximação do objeto culminando em um apetite e desejo, caso seja contrário o esforço tende ao afastamento do objeto resultando em uma aversão ou fuga do objeto. Portanto, apetite e aversão são os primeiros esforços passionais que se manifestam no interior do corpo humano.

Para Silva (2009) o conatus é fundamental para o surgimento das paixões por ser o princípio do movimento no interior do indivíduo. Embora a imaginação e o conatus apresentem a mesma definição em relação às paixões, funcionando como uma espécie de princípio norteador há uma diferenciação entre eles, pois:

O conatus não é a mesma coisa que a imaginação, a imaginação é a experiência na mente de movimentos causados por objetos externos, isto é, a sensação em declínio de um objeto, uma sensação obscurecida. Já o conatus é o início do movimento voluntárias (das paixões), mas ele pode ser propriamente definido apenas como movimento (SILVA, 2009, p. 83).

Do choque dos movimentos vitais e externos surge aquilo que se chamam paixões e recebem diversas denominações, como: a/mor, ódio, medo, esperança. Tudo aquilo que parece bom ao homem, lhe causará prazer e aquilo que parecer mal, será digno de afastamento:

Portanto o prazer (ou o deleite) é a aparência ou sensação do bem, e desprazer ou desgosto é a aparência ou sensação do mal. Consequentemente, todo o apetite, desejo e amor é acompanhado por um deleite maior ou menor, e todo o ódio e aversão por um desprazer e ofensa maior ou menor (HOBBS, 1974, p. 24).

As paixões humanas são reações às ações de movimentos externos a nós, não só reação a um movimento de um determinado objeto, mas reação a vários movimentos de infinitos objetos. “Contudo, essa reação não é relativa a um único movimento causado por um único objeto, ela é sim uma reação à ação dos movimentos de vários objetos que, por sua vez, são ligados a experiência acumulada na imaginação.” (SILVA, 2009, p.77-78 – grifo nosso).

Nesse sentido, as paixões não são resultados diretos das ações dos objetos externos pelo contrário são resultados indiretos. Quando o homem e os seus órgãos do sentido são afetados por um movimento exterior não é por esta ação que as paixões são formadas, ao receber essa pressão externa, o homem resgata movimentos anteriores, a sua experiência contida na imaginação.

Os objetos não podem ser controlados pelo homem, conclui-se, portanto, que as paixões também não e as ações humanas tornam-se condicionadas em prol dos objetos externos, no processo de aproximação ou afastamento, de ponderações e cálculos feitos pelo homem considerando sempre sua autopreservação e benefícios.

Destas duas paixões – desejo e aversão - surgem as ações humanas que se especificam na aproximação ou afastamento do objeto. As diversas paixões humanas são distribuídas em pares e são descendentes do desejo/aversão, como: amor/ódio, esperança/medo. Este último par merece um destaque por serem as paixões que condicionam os homens a paz e a formação, construção do Estado Civil.

Hobbes dedica uma parte do *Leviatã* para definir essas paixões. Embora todas sejam descendentes do desejo e da aversão dependendo da circunstância e da maneira como são consideradas recebem nomes distintos. O amor que se atribui às pessoas é chamado de amabilidade, o amor por uma só pessoa é paixão. E o ódio consiste na presença do objeto que causa mal ao indivíduo ou ao seu semelhante podendo ser chamado em certas circunstâncias de afã de vingança ou indignação. O apetite/desejo unido à ideia de alcançar o objeto chama-se esperança, a aversão ligada à ideia de ser ferido ou prejudicado pelo objeto chama-se medo.

Os conceitos de bem e mal que são atribuídos às coisas estão relacionados com a individualidade, os homens não desejam e detestam as mesmas coisas, cada um considera bom e mau para si diversos objetos e quando há a coincidência dos homens interessam-se pelas mesmas coisas e estas sendo ilimitadas, haverá disputas e guerras entre eles, considerando sua inserção dentro do estado de natureza (HOBBS, 1974). Todas as paixões principiam pelo desejo/aversão. O desejo é a paixão que se manifesta quando o objeto está ausente, e o amor quando o objeto foi conquistado. A aversão à ausência do objeto, e o ódio à presença dele.

Quando o homem conquista um objeto de seu desejo, por um instante ele se satisfaz com o seu feito, porém, logo surge uma outra paixão, um novo objeto a ser conquistado. A felicidade é um eterno prosseguir, o eterno continuar, na medida em que o homem nunca se satisfaz com aquilo que tem:

O sucesso contínuo na obtenção daquelas coisas que de tempos a tempos os homens desejam, quer dizer, o prosperar constante, é aquilo a que os homens chamam felicidade; refiro-me à felicidade nesta vida. Pois não existe uma perpétua tranquilidade de espírito, enquanto aqui vivemos, porque a própria vida não passa de movimento, e jamais pode deixar de haver desejo, ou medo, tal como não pode deixar de haver sensação (HOBBS, 1974, p.27).

A deliberação consiste no cálculo dos desejos e aversões, na decisão de agir, aproximar-se do objeto ou omitir, afastar-se do objeto. No começo deste trabalho, houve uma elucidação em torno da razão entendendo-a como cálculo, soma ou subtração. “Por RACIOCÍNIO entendo cálculo. (...) O raciocínio, portanto, é o mesmo que a adição e a subtração.” (HOBBS, 2010, p. 191) No processo de deliberação a razão faz-se presente, não como ator principal, e sim coadjuvante, na medida em que está a serviço das paixões, auxiliando o processo de ponderação das paixões que desencadeará em uma ação. Para Strauss (2016) “o homem é inteiramente determinado pelas suas impressões sensíveis e pelas suas reações automáticas a essas impressões (seus desejos e paixões) em vez de sê-lo pela razão.” (p. 39).

São diversas as paixões que se manifestam no homem, mas a última paixão é a que de fato decide uma ação ou omissão. Tal cálculo é executado pela imaginação, devido ao seu arcabouço experiencial. É a capacidade de fazer suposições antes de tomar uma decisão de modo que se possa pensar no que acontecerá se tal atitude for executada ou não, consiste na imaginação das coisas boas ou más, das possíveis consequências de uma ação, lembrando que o fim último de uma ação é sempre o bem, visto que o homem não tem a menor pretensão de aproximar-se daquilo que pode lhe causar mal.

O último apetite ou aversão da deliberação é a vontade, é o que antecede a ação ou a omissão dela. A vontade de fazer é apetite, a omissão é aversão. O homem se aproxima de um objeto esperando ser recompensado, e se afasta na expectativa de não ser prejudicado. “E consequentemente as nossas vontades seguem as nossas opiniões, assim como as nossas ações seguem as nossas vontades.” (HOBBS, 2010, p.61)

As ações ou omissões voluntárias possuem sua origem na vontade, e implica em um último apetite, a paixão vencedora se manifesta. É neste momento que os movimentos externos manifestam-se com o intuito de alcançar o objeto de agrado ou de afastar-se do objeto de

desagrado, ressaltando que todas as ações humanas tendem a alcançar o bem. As ações involuntárias são aquelas pautadas em uma necessidade.

O homem ao alcançar o seu desejo, acaba por se saciar, e logo encontra um outro objeto que lhe irá causar desejo. A vida de um homem é um eterno movimento, uma eterna formação de desejos, de paixões, neste sentido, conceito de felicidade está atrelado a um contínuo prosseguir, prosperar. Em *Os Elementos da Lei* Hobbes elucida: “Portanto, a felicidade (pelo que entendemos um contínuo deleite) não consiste em ter prosperado, mas em prosperar.” (HOBBS, 2010, p.29)

A continuação dos desejos é o que nos proporciona felicidade, na medida em que a realização de uma paixão é o meio para alcançar a realização de uma outra. O poder de um homem consiste nos meios que ele possui para conquistar algum bem no futuro, com isso, a cada conquista o homem adquire poder. E ter poder é dar continuidade a busca pela felicidade. Toda essa busca por satisfação está a serviço do movimento vital, o homem tende a se autopreservar, a buscar o bem para si.

De um indivíduo conduzido por leis mecânicas imerso em conflitos de interesses e em busca de poder é neste cenário que se pode identificar uma das paixões mais forte: o amor próprio. Este amor conduz o homem aos caminhos da autopreservação, da busca por poder e honra vislumbrando unicamente o seu sumo bem. A vaidade de ser sempre respeitado, de se impor frente aos outros homens, de ser estimado e temido. O interesse de arrecadar, de conquistar cada vez mais produtos materiais norteados por uma concepção de que quanto mais se tem, mais se precisa. Da vaidade ao interesse, ambas paixões que pertencem ao amor próprio fazem do homem um ser não sociável. Leivas (2011) considera que a insociabilidade é a natureza dos homens.

O amor próprio apresentava todos os requisitos para ser a paixão mais forte, se não houvesse o medo da morte. Entre o amor próprio e o medo da morte, duas paixões que se encontram e a última norteia as ações humanas:

O amor a si mesmo encontra um limite no amor à vida, de modo que a vida torna-se verdadeiramente o sumo bem dessa ética da potência, que continuamente se inverte num atestado de impotência. Somente o medo da morte convence o homem a renunciar às honras e às vantagens do estado natural e aceitar o Estado Civil (MATOS, 2007, p. 77).

Strauss (2016) também considera que de todas as paixões o amor próprio e o medo merecem destaque na estrutura passional de Hobbes. O homem que tem em si um demasiado respeito por si mesmo encontra na morte um objetivo: a necessidade de evita-la, pois “tememos a morte infinitamente mais do que desejamos a vida.” (p. 55).

A morte violenta é um dos aspectos que mais aterroriza o homem e que mantém-se latente no estado de natureza marcado pela completa ausência de um poder superior e político, identificando-se com a anarquia. Neste estado a vida do homem é “solitária, pobre, embrutecida e curta.” (HOBBS, 1974, p. 46).

A saída desse estado de natureza é condicionada por duas paixões: medo e esperança. O medo de tempos ainda piores e da aniquilação existencial impulsiona o homem em um processo de articulação daquele temível estado e a esperança de tempos vindouros é primordial para o estabelecimento do contrato social, transição para o Estado Civil. A expectativa do mal – medo – e a expectativa do bem – esperança – reorganizam as condutas humanas e possibilitam a atividade social, do agrupamento dos homens e sua convivência pacífica. Ressaltando que essa articulação social é por necessidade de sobrevivência e de benefício próprio e não por uma condição natural de agrupamento social.

Essa transição do estado de natureza para o Civil é de responsabilidade das paixões que principiam a movimentação humana. Na medida em que o Estado é instituído Bobbio assevera que (1991) “o homem é capaz não apenas de imitar a natureza, mas também de recriá-la, de aperfeiçoá-la, de acrescentar-lhe potência, construindo outras máquinas.” (p. 31). As paixões permitem aos homens administrar uma nova realidade que conduz todos a ordem e ao estabelecimento da paz.

6. Considerações finais

Com o presente trabalho podemos compreender uma face da teoria hobbesiana não muito conhecida no meio acadêmico. Sua filosofia natural é sustentáculo de sua filosofia política tão conhecida por meio de sua obra prima *Leviatã*. Do *De Corpore* ao *Leviatã*. Hobbes dedicou-se a investigar a natureza humana e suas particularidades compreendendo o seu comportamento e sua construção para então lançar seu olhar de investigação para características vinculadas à política.

Se Hobbes é um mecanicista e materialista em essência, tanto a sua filosofia natural quanto a política serão influenciadas por esse seu aspecto. Se a filosofia e a ciência são responsáveis por estudo dos corpos, a filosofia natural é o estudo dos corpos naturais, a filosofia política se responsabiliza pelo estudo dos corpos artificiais. E que se há corpos em ambas, o movimento também faz-se presente.

Todo o conhecimento é oriundo da experiência humana. Logo de corpos em movimento. Como vimos o corpo é definido como algo que ocupa um determinado espaço e o movimento

corresponde a aquisição de um lugar e abandono constituem o fundamento da realidade humana. Sumamente tudo o que conhecemos é resultado de como concebemos o objeto em nossa mente. As características que atribuímos aos objetos na verdade não está nele, mas em nós. Hobbes estabelece uma diferença entre o mundo como é e o mundo como vemos.

O conceito de corpo e movimento, sensação e imaginação permite-nos uma compreensão abrasiva do que serão as paixões e como elas se manifestam no indivíduo. Desde o seu surgimento é perceptível o teor mecânico e materialista que as envolve. Do movimento de corpos exteriores, dos órgãos dos sentidos e da reação ao movimento vital à um movimento estranho e exterior. Tudo envolve corpo, tudo envolve movimento. A paixão não é nada mais do que um movimento que se dá na mente humana.

O que somos? Seres passionais. O que seremos? Seres passionais. E se as paixões condicionam o comportamento humano, ela é inevitável. A única chance do homem de não sentir paixão é com a sua aniquilação existencial. Somente com a morte o movimento da mente cessa. E vimos que a morte é uma das coisas que o homem mais teme.

A própria existência humana é inteiramente ligada à existência passional. Não existe a possibilidade dos objetos externos não pressionarem os órgãos dos sentidos, não existe a possibilidade do homem não sentir paixão, mas há possibilidade de as controlar. Esse controle é exercido primordialmente pelo Estado, em especial pelo soberano.

É sob a tutela do soberano e com a imposição das leis civis que o medo a esperança se manifestaram como uma espécie de controle sob os súditos/cidadãos bem diferente do estado de natureza no qual o império das paixões desenfreadas era a marca registrada. As paixões não cessam no Estado Civil, mas um controle é exercido sob elas. A felicidade ainda consiste no alcance dos desejos por parte do homem, mas são controladas pelas leis civis.

A paixão é uma das fundamentações mais importantes para o filósofo. Não é à toa que é esta a responsável pela fundamentação do que entendemos por Estado Civil. Ainda que a razão tenha um papel importante, funcionando como um cálculo de nomes que é reduzido a duas operações: adição e subtração, a sua função é de guiar os ímpetos passionais.

Através da paixão do medo da morte violenta e pela esperança de tempos vindouros o homem renuncia ao seu direito a todas as coisas, a sua liberdade ilimitada em prol de restrições que lhes serão impostas por meio do contrato social e pelo comando do soberano. É com o seu aparato passional que o homem se torna o artífice, o responsável pela criação e consolidação do

Estado. É por meio das paixões que o homem atinge o seu principal objetivo: a preservação da sua vida.

Referências

- BERNARDES, Júlio. *Hobbes e a liberdade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- BOBBIO, N. *Thomas Hobbes*. Tradução de Carlos Néelson Coutinho. Rio de Janeiro: Campus, 1991.
- CRUZ, M.S. 2013. Movimento, ação e civilização: *uma defesa de um fundamento natural à Filosofia Civil de Thomas Hobbes*. Porto Alegre, RS. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, 146 p.
- FRATESCHI, Y. A física da política: Hobbes contra Aristóteles. São Paulo: Editora Unicamp, 2008.
- _____. *Filosofia da natureza e filosofia moral em Hobbes*. Cad. Hist. Fil. Ci, Campinas, v. 15, n. 1, p. 7-32. jan/jun 2005.
- GANCHO, M.A.V. 2005. *Hobbes e uma teoria da ação humana*. São Paulo, SP. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Judas Tadeu, 75 p.
- HIRATA, C. *Leibniz e Hobbes: causalidade e princípio da razão suficiente*. São Paulo, SP. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo – USP, 232p.
- HOBBES, Thomas. *Elementos de Filosofia – Primeira Seção- Sobre o corpo – Parte I – Computação ou Lógica*. Tradução e apresentação de José Oscar de A. Marques. Campinas: IFCH/Unicamp, 2005. (Clássicos da filosofia. Cadernos de Tradução12). 77p. ISSN 1676-7074
- _____. *Leviatã, ou matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil*. Coleção Os Pensadores. Tradução de João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva. Ed: Victor Civita; Abril S.A. Cultural e Industrial, São Paulo, 1974.
- _____. *Os Elementos da Lei Natural e Política*. Trad. Bruno Simões. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- KAYSER, Marcos. 2006. *A mecânica do desejo no desencadeamento da ação no Leviatã de Thomas Hobbes*. São Leopoldo, RS. Dissertação de Mestrado. Universidade do Vale do Rio Sinos – UNISINOS, 120p.
- LEIVAS, C.R.G. *Insociabilidade natural, sociabilidade artificial e visão política prospectiva em Hobbes*. *Cadernos de Ética e Filosofia Política*, 19, p. 125-137, 2/2001
- LIMONGI, M.I. *Hobbes e o conatus: da física à teoria das paixões*. *Discurso*, (31), 2000, p. 417-439.
- MATOS, I.D. *Uma descrição do humano no leviathan, de Thomas Hobbes*. São Paulo: Annablume, 2007.
- SILVA, H.A. *As paixões humanas em Thomas Hobbes: Entre a ciência moral, o medo e a esperança*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.
- SOUZA, M.E.R. 2008. *Thomas Hobbes: do movimento físico à fundação do Estado*. São Paulo, SP. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, USP. 228f.
- STRAUSS, Leo. *A filosofia política de Hobbes: suas bases e sua gênese*. São Paulo: É realizações, 2016.

Recebido em 05/09/2018

Aprovado em 17/11/2018